

RESENHA

AS TRANSFORMAÇÕES DO DISCURSO HISTÓRICO

*The Transformations of Historical Discourse*Diogo da Silva Roiz¹

PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.) *Escrita, linguagem, objetos. Leituras de história cultural*. Bauru/SP: Edusc, 2004, 282p.

Parece que um ponto articulador da Nova História Cultural seja justamente a diversidade de abordagens e temas, de que se vale para estudar todo agir humano, normalmente com base nas relações culturais, intermediadas pela linguagem. Uma das grandes contribuições da Nova História Cultural foi deixar evidente que os procedimentos utilizados para inquirir certas fontes, podem não ser adequados para a investigação de outras, questionando diretamente a universalização de teorias e metodologias, a todo tipo de fonte estudada. Ou para dizer o mesmo, a especificidade do objeto selecionado impõem para o pesquisador o uso de uma metodologia adequada para efetuar a investigação.

Num primeiro olhar parece também ser a diversidade de análises e de temas discutidos, o que une os trabalhos reunidos no livro: *Escrita, Linguagem, Objetos*, organizado pela professora Sandra Jatahy Pesavento. No entanto, *as leituras de história cultural* apresentadas ao longo dos nove ensaios do livro, escritos por pesquisadores experientes, demonstram um interesse comum pela cultura escrita. Pela forma como a linguagem é transformada e codificada num artefato escrito, dimensionando a expressão cultural de grupos sociais, por meio da palavra; e a maneira pela qual é recebida e interpretada. Nas palavras da organizadora da coletânea:

Escritos, linguagem, objetos é o enunciado que se propõe como título a agregar diversos ensaios, proposta esta que marca muito bem o debate intelectual que se realiza no campo das escolhas e dos problemas que colocam como desafios, no campo epistemológico e da pesquisa, para que se possa pensar a História hoje. Tais textos não só se agregam debaixo de tais interrogações como trocam sinais entre si, respondendo um ao outro, a partir de interrogações formuladas pela História Cultural (PESAVENTO, 2004, p. 7-8).

Foi justamente com o objetivo de discutir como decifrar e converter a linguagem falada numa forma escrita, com base na gramaticalização, que Andréa Daher abriu a coletânea estudando a língua geral na América Portuguesa. Para ela os padres que estiveram na América Portuguesa, principalmente os jesuítas, promoveram uma tentativa de gramaticalização dos significados da linguagem oral tupi, ao almejarem uniformizar

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Contato: diogosr@uems.br

a escrita, o que acabou por fazer com que a escrita subordinasse a oralidade.

O texto de Temístocles César preocupa-se em estudar como no século XIX, o desenvolvimento do Estado Monárquico Brasileiro foi concomitante ao da disciplina histórica, que estava interessada em escrever a história da Nação (evidentemente, ainda em formação). Foi por meio da criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838, por intermédio de D. Pedro II, que o projeto de se escrever uma história da Nação teve início. O argumento do autor foi que havendo um interesse em se escrever a História do tempo presente, e de uma reconstituição do passado da Nação, esse interesse se traduziu também no uso político que foi feito da História no período.

Os usos políticos da História, com vistas à construção de identidades, pode ser também apreciado no texto seguinte, de Antônio Celso Ferreira, em que foi discutida a identidade regional. Com base em elementos míticos e poéticos, apreendidos nas narrativas de cunho épico do final do século XIX e primeiras décadas do XX, as quais visavam elaborar uma identidade para o estado de São Paulo, por meio do bandeirante.

A partir do estudo das trajetórias de Plínio Salgado, Antônio de Alcântara Machado e Ignácio Romero de Anhaia Mello, e do cruzamento de seus escritos, Maria Stella Bresciani, notou quais as representações que foram construídas sobre a capital paulista nos anos de 1910 a 1920, por um literato, por um cronista e por um engenheiro-arquiteto. Ao demonstrar a complexa teia de significados e interpretações que aproximava e distanciava as leituras de cada um deles sobre a conversão da cidade em metrópole, dirimindo-se os problemas, os dilemas e a polifonia de sentidos que isso acarretou, tornava-se evidente a constatação dos limites da própria lógica da narrativa épica do bandeirante paulista, conforme Ferreira a havia estudado, e já indicado, no texto anterior.

O ensaio de Jacques Leenhardt permite que se observe a questão de um possível estatuto ficcional no texto histórico, ao analisar como um literato, Jorge Amado, efetivamente construiu alguns registros de caráter metafórico, ao estudar a obra *Jubiata*.

Com o objetivo de avançar sobre o paradoxo da ordem e da transgressão que prescrevem as cidades brasileiras, no que diz respeito as complexas relações que perpassam entre o espaço público e o espaço privado, Sandra Pesavento, parte do exame do imaginário criado a partir do confronto estabelecido no mito entre *Antígona* e *Creonte*. Ao visualizar este confronto nos domínios do público e do privado, com o predomínio deste último, a autora constata que isso foi um impeditivo para a construção da cidadania no país.

A cidade também foi o objeto privilegiado no estudo de Mônica Pimenta Velloso, ao analisar a expansão do conceito de memória social, oportunizada tanto pela mundialização da cultura e pela globalização dos meios de comunicação de massa, que acabariam mudando a própria compreensão do acontecido e do acontecimento, quanto pela Nova História Cultural que tem valorizado a pesquisa sobre a linguagem escrita e a oral. Nesse caso, de São Paulo, passa-se para o Rio de Janeiro, com vistas a dimensionar o que foi o imaginário carioca. Por outro lado, semelhante ao ensaio anterior, também propõe uma discussão a respeito do público e do privado, para indicar os limites do legal e do ilegal no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX. O estudo das gírias e das expressões corpóreo-gestuais se apresentava “como temática altamente mobilizadora para a intelectualidade da época”. De modo que:

A temática da linguagem – compreendida aqui em seu sentido mais amplo – abre um campo fértil para a reflexão da história cultural. Possibilita compreender a dinamicidade e a complexidade da nossa vida cultural, ‘entre-dois-mundos’, já que, no Rio de Janeiro, um vasto repertório de fragmentos de culturas corpóreas, gestuais e de gírias é incessantemente criado, compartilhado, deslocado e ressignificado, configurando uma identidade móvel, incessantemente reconstruída pelos usos e táticas sociais (VELLOSO In: PESAVENTO, 2004, p. 210).

Além do destaque evidenciado para esses temas, a Nova História Cultural permitiu a abertura de outras temáticas, como o estudo das linguagens artísticas, para as quais o Teatro é um segmento fundamental. O ensaio de Rosangela Patriota, nesse sentido, caracteriza o desenvolvimento deste campo de pesquisa, dando ênfase ao pioneirismo das obras de J. Burckhardt e de J. Huizinga, e aos aspectos da recepção manifestados no diálogo contido nas encenações teatrais, ao estabelecerem representações do político e do social. Para tanto, pautou-se no estudo da obra de Vianinha, uma vez que:

[...] estas diferentes maneiras de se escrever a história explicitam o fato de que a documentação disponível e os procedimentos metodológicos são elementos fundamentais par a constituição de interpretações que, no campo específico da História e Linguagens, promovem e estimulam o instigante e profícuo diálogo entre Arte e Sociedade (PATRIOTA In: PESAVENTO, 2004, p. 247).

Outro tópico investigado na coletânea diz respeito ao que seria o mestiço, a mestiçagem e se é operacional a definição de um objeto mestiço. A contribuição, neste caso, do ensaio de Serge Gruzinski para a coletânea e para este campo de estudos é evidente. Para ele:

Os objetos mestiços constituem o elo que faltava entre passados primitivos, mais ou menos fantasiados, e o mundo contemporâneo, que é um mundo globalizado. Eles constituem um elo essencial entre as civilizações e os continentes. Trata-se, hoje, igualmente de uma das passagens obrigatórias entre as Belas Artes à moda ocidental e a criação contemporânea. A presença transversal das Artes mestiças sublinha o caráter construído universal das misturas e fusões entre suas heranças e seus patrimônios materiais (GRUZINSKI In: PESAVENTO, 2004, p. 278).

Portanto, esta coletânea de ensaios, muito bem escritos e organizados, indicam a diversidade de caminhos, para os quais a Nova História Cultural deslocou os procedimentos investigativos, sem que com isso não deixem de existir relações, como a da cultura escrita com a oral, entremeadas pela linguagem (no passado e no presente), e que articulam as práticas e as representações produzidas sobre o conjunto do social. No entanto, questionarmos se a linguagem, nesse jogo de práticas e representações, consegue alcançar, atingir e evidenciar todo agir humano é ainda um horizonte teórico e investigativo a ser buscado e analisado.

Recebido em novembro de 2008

Aprovado em fevereiro de 2009